

Editorial

Ao longo da história ocidental muitas foram as relações que se estabeleceram entre a arte e a política, seja como reflexão, resistência, engajamento ou discurso crítico. Desde que os homens começaram a se expressar através das imagens, muitas foram as apropriações que a política fez das artes e vice-versa. É inegável que toda a iconografia religiosa tem conotações de propaganda que chegam até os dias actuais. Nos finais do século XVIII após a larga utilização que foi feita pelo Estado e pela Igreja a arte foi se autonomizando ao acompanhar os novos movimentos políticos de libertação ao mesmo tempo em que era confrontada com o surgimento das novas tecnologias.

O fim do século XIX deixou no ar questões de fé, razão e lógica. Deixou também o desejo de re-ordenar o olhar sobre as coisas e sobre a própria humanidade. Vários foram os movimentos de vanguarda que surgiram neste contexto. Alguns deles eram profundamente antitéticos, mas carregavam consigo a noção de um conflito que pertencia a todos: qual seria a nova concepção do Homem e da História? Qual seria a melhor maneira de acordar um mundo chocado com a miséria e a destruição, ao mesmo tempo em que se entrava num período onde o desenvolvimento tecnológico atingia proporções até então nunca imaginadas? Surge o fascínio pela máquina, que se tornou definitivamente uma intermediária entre o homem e o mundo.

O papel fundamental das vanguardas será então construir um olhar, transformar a percepção, lançar a todos num espaço novo que exigia uma mudança radical de ponto de vista. O deslocamento do olhar seria um regresso para a própria arte, fugindo da necessidade intrínseca, provocada por certas correntes artísticas do séc. XIX, de reproduzir o mundo.

Falar das vanguardas do início do século XX, é, também, falar da crise da cultura provocada por questões que vão desde à religião à ciência, passando, é claro, pelas artes. O processo de dessacralização do mundo, da quebra dos mitos e da liquidação do Estado divino, suscita uma reação por parte dos mesmos que ajudaram a promover esta derrocada. Era preciso, pois, subsumir uma outra unidade que substituísse magicamente a *unidade*

perdida. A partir do século XX a cultura adquire um papel fundamental, como sustentáculo de uma ideologia do espetacular, capaz de reproduzir o sentido do *uno*. É preciso ter consciência de que a arte absorve o sentido do tempo e acaba por realizá-lo seja em palavras ou imagens.

O século XXI torna-se palco das mais fantásticas parafernálias tecnológicas, trazendo para a ordem do dia a questão da pertinência do papel da arte enquanto motor de discussão política. Numa sociedade que se comunica prioritariamente por meio de imagens, quais são as relações possíveis entre a arte e a política? Quais são as suas relações históricas? É possível falar de ativismo, de resistência e de conscientização política através da arte? Em que medida as tendências artísticas contemporâneas apontam para esta relação?

Os textos que compõem esta edição foram selecionados tendo como premissa a interrelação da arte e da política nas suas mais diversas acepções. Cada vez que arte reflecte sobre a sua situação no mundo ou sobre o mundo que a circunda está, de alguma forma, a actuar politicamente. Sendo assim, os autores abordam a questão fundamental desta interrelação nas áreas do cinema, das artes, da literatura e da comunicação. Esta edição conta ainda com um ensaio visual do artista plástico português Xana a respeito de sua exposição *Areia para os olhos* e com uma entrevista traduzida para o português com o cineasta russo Aleksandr Sokurov.

Esperamos que tenham uma boa leitura!

As editoras convidadas
Gabriela Borges e Mirian Tavares

Faro, Dezembro de 2008